

# PROMETEUS - FILOSOFIA

MESTRADO EM FILOSOFIA/ UFS - CATEDRA UNESCO/ ARCHA

JULHO - DEZEMBRO DE 2015 - VOLUME 8 - ANO 8 - Nº 18

ISSN: 2176 - 5960

## NEM ANALÍTICO, NEM CONTINENTAL: O RACIONALISMO CRÍTICO É UM ESTILO PRÓPRIO DE FILOSOFAR?

**Júlio Fontana**

**Professor de Filosofia da SEEDUC-RJ**

**Mestrando em história das ciências e das técnicas e epistemologia no HCTE-UFRJ**

**RESUMO:** Este artigo pretende mostrar que a distinção analítica e continental não consegue dar conta do racionalismo crítico. O racionalismo crítico proposto por Popper é um estilo filosófico completamente distinto do analítico e do continental. Em primeiro lugar busca-se entender como Popper definiu o seu estilo de filosofar ao mesmo tempo em que procurava se distanciar dos estilos analítico e continental. Ao final, reconhece-se o lugar do racionalismo crítico dentre os mais importantes estilos filosóficos e defende-se que ele parece ser o mais promissor no enfrentamento das grandes questões contemporâneas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia. Método de Pesquisa em Filosofia. Karl Popper.

**ABSTRACT:** This article aims to show that the analytic and continental distinction can not cope with the critical rationalism. The critical rationalism proposed by Popper is a completely different philosophical style analytic and continental. First seek to understand how Popper defined his style of philosophizing while he sought to distance the analytic and continental styles. In the end, it recognizes the place of critical rationalism among the most important philosophical styles and argues that it appears to be the most promising in addressing the major contemporary issues.

**KEYWORDS:** Philosophy. Search Method in Philosophy. Karl Popper.

Nos últimos 50 anos, tem havido maior controvérsia acerca da natureza da filosofia do que em qualquer período anterior da história do pensamento ocidental. (David Pears, 1988, p. 21)

## 1- Introdução:

Observadores competentes da cena filosófica dividem a filosofia em dois estilos ou duas escolas: a analítica e a continental. Apesar de um tanto enfraquecida, essa visão continua sendo propagada nos meios acadêmicos.<sup>1</sup> Este artigo pretende mostrar que a distinção analítica e continental não é suficiente para caracterizar a cena filosófica na sua integralidade.<sup>2</sup>

O racionalismo crítico proposto por Popper é um estilo filosófico completamente distinto do analítico e do continental. Não há qualquer indicação, por parte dos entendidos, de que Popper teria sido um filósofo continental, porém, as coisas se complicam quando se refere à sua relação com a tradição analítica. Como se sabe, Popper exerceu sua carreira acadêmica no Reino Unido e, devido ao seu sítio de trabalho, alguns filósofos tendem a perfilá-lo dentre os filósofos analíticos. Para fazer tal tipificação, não atentam para as diferenças existentes entre o racionalismo crítico e a filosofia analítica. Na verdade, alguns tentam, sorrateiramente, empurrá-las para baixo do tapete<sup>3</sup>, outros, fagocitá-las para dentro da tradição analítica<sup>4</sup>. Porém, o racionalismo crítico não se adéqua ao modo analítico de filosofar, muito menos ao continental, e deve, por isso, ser reconhecido como independente dessas duas grandes tradições filosóficas.

---

<sup>1</sup> SEARLE, DUMMETT, RECANATI, GLOCK, DOMINGUES.

<sup>2</sup> A divisão entre analíticos e continentais é uma visão anglo-saxônica da cena filosófica. (GLOCK, 2011, p. 62) Ferrater Mora, por exemplo, reconhece três campos dentro do pensamento relativamente fechados surgidos após a 2ª Guerra Mundial: (1) o analítico; (2) o continental; e (3) o dialético. Adotar-se-á a visão anglo-saxônica neste artigo por questão de estratégia argumentativa.

<sup>3</sup> SEARLE (2003, p. 02) afirma corretamente que a filosofia analítica se ocupa principalmente do problema do significado (conhecido como o dogma da filosofia analítica).

<sup>4</sup> RECANATI (1993) modifica drasticamente a noção de filosofia analítica a fim de abarcar a totalidade de estilos filosóficos que surgiram nos países de língua inglesa no século XX.

Em primeiro lugar buscar-se-á entender como Popper definiu o seu estilo de filosofar ao mesmo tempo em que procurou se distanciar dos estilos analítico e continental. Ao final, será reconhecido o lugar do racionalismo crítico dentre os estilos de filosofar e defendido que ele parece ser o mais promissor dentre eles diante da atual problemática filosófica.

## 2- A crítica como ponto de partida

Como é seu costume, Popper expressará o que ele entende por filosofia criticando concepções as quais ele acha errôneas. Nesse caso em particular, ele criticará o vigoroso e famoso trabalho *How I see Philosophy* de Fritz Waismann<sup>5</sup> e algumas doutrinas constantes no *Tractatus Logico-Philosophicus* de Ludwig Wittgenstein.<sup>6</sup>

De fácil percepção é que ambos estão ligados aos tradicionais adversários de Popper: os positivistas lógicos. Waismann pertenceu ao Círculo de Viena enquanto Wittgenstein concedeu ao grupo seus principais cânones.<sup>7</sup> Nota-se a oposição que Popper fará às ideias do positivismo lógico em face da sua preocupação em enfatizar que jamais pertenceu ao Círculo de Viena. Entretanto, deve-se admitir que Popper, “bebeu nesta fonte”, apesar de manter opiniões fortemente contrárias às do Círculo.<sup>8</sup> Isso, aliás, é admitido pelo próprio filósofo.<sup>9</sup>

Popper estimou mais o Círculo do que o fez Wittgenstein. Este foi chamado uma única vez às reuniões do Círculo e não compareceu.<sup>10</sup> Os membros do Círculo compartilharam de muitas das ideias wittgensteinianas<sup>11</sup>, mas Wittgenstein não foi o propagador delas dentre eles. Pode-se supor que Wittgenstein nutria um verdadeiro desdém pelo Círculo. Popper, inclusive atribui à influência de Wittgenstein, uma das principais causas da bancarrota do positivismo lógico.<sup>12</sup>

<sup>5</sup> POPPER, 2006, p. 221-241.

<sup>6</sup> POPPER, 1963, p. 87-129.

<sup>7</sup> HALLER, 1990, p. 29.

<sup>8</sup> Popper faz alusões positivas ao Círculo em quase todas as suas obras [POPPER, 1974, p. 69-71; POPPER, 1959, p. xviii]. Ver também EDMONDS, 2003, p. 177-186.

<sup>9</sup> POPPER, 2006, p. 226-227.

<sup>10</sup> “Wittgenstein era membro honorário e considerado seu [do Círculo de Viena] guia espiritual, embora ele rejeitasse tanto o título quanto a honraria.” [EDMONDS, 2003, p. 161-162; HALLER, 1990, p. 42]

<sup>11</sup> HALLER, 1990, p. 37.

<sup>12</sup> POPPER, 2006, p. 227.

Popper, portanto, está mais ligado ao Círculo do que Wittgenstein.<sup>13</sup> Mesmo tendo defendido a Filosofia e a Metafísica perante o Círculo, Popper concorda com muitas das ideias mantidas pelos neopositivistas, inclusive com algumas ideias wittgensteinianas, como se poderá ver adiante.<sup>14</sup> As críticas popperianas levam em conta sempre a opinião dos membros do Círculo, e, inclusive ele era muito amigo de Rudolf Carnap, principal teórico do grupo. Esses fatos o aproximam bastante do Círculo, e, talvez por isso, Otto Neurath tenha o qualificado de “a oposição oficial” do Círculo de Viena.<sup>15</sup>

### **3- O filósofo**

Muitas vezes, ao procurarem compreender “o que é Filosofia?”, os estudiosos se esquecem de examinar quem pode ser considerado filósofo e o papel que devem exercer para tal. Portanto, não basta saber qual é o objeto e o método apropriado da Filosofia, deve-se evidenciar as características do sujeito que faz Filosofia, aquele que se compromete a filosofar.

#### **3.1. Quem é filósofo?**

Waismann tem como certo que os filósofos constituem um tipo especial de gente e que a Filosofia nada mais é que a atividade exclusiva dos mesmos. Mostra isso com auxílio de uns exemplos, apontando o que constitui o caráter distintivo de um filósofo e da Filosofia, quando comparados com outras disciplinas acadêmicas como a Matemática ou a Física.<sup>16</sup>

Karl Popper, no entanto, encara a Filosofia de forma diferente de Waismann. Ele sustenta que todos os homens e mulheres são filósofos, embora uns mais outros menos.

---

<sup>13</sup> Com essa afirmação deseja-se sustentar que Wittgenstein desenvolveu suas ideias independentemente do Círculo, enquanto Popper, pelo contrário, acompanhava as ideias do grupo.

<sup>14</sup> POPPER, 1963, p. 89-91.

<sup>15</sup> Ver MAGEE, 1983, p. 16. Victor Kraft chega a afirmar que “o trabalho de Popper não pode ser geneticamente entendido sem referência ao Círculo de Viena” [KRAFT, 1974, p. 185]

<sup>16</sup> A posição de Waismann é assim, contrária ao próprio Manifesto do Círculo de Viena que, ao citar seus membros comenta: “Nenhum dentre eles é o que se denomina um filósofo ‘puro’; todos trabalharam em um domínio científico particular, e na verdade provêm de diferentes ramos da ciência e originariamente de diferentes atitudes filosóficas.” [HAHN; NEURATH; CARNAP, 1986, p. 09]

Popper concorda que exista um grupo exclusivo e distinto de pessoas, os filósofos acadêmicos, mas ele está longe de compartilhar do entusiasmo de Waismann. Ele acredita que há muito para ser dito por aqueles que desconfiam do filósofo acadêmico, portanto, descarta qualquer ideia de uma elite filosófica e intelectual.

Pode-se admitir que Popper esteja correto, apenas deve-se esclarecer que, a filosofia como uma área específica do saber tem terminologia, instrumentos e critérios próprios de avaliação. Aquele que almeja desenvolver qualquer pesquisa filosófica deve conhecer essa técnica. A filosofia é um empreendimento eminentemente técnico e que, para ser proveitosa, ela tem de dizer algo que vá além daquilo que os não especialistas podem dizer por si mesmos.

### 3.2. A função do filósofo

A fim de descrever a função do filósofo, Popper faz uma comparação entre a tarefa do cientista e a do filósofo.<sup>17</sup> Essa atitude possui fundamentação histórica, pois na Grécia antiga a Filosofia e Ciência eram aspectos do conhecimento intimamente ligados. Ambas ainda não eram esferas do saber distintas como se apresentam hoje. Popper, aliás, atribui a responsabilidade por esta separação entre a Ciência e a Filosofia ao hegelianismo.<sup>18</sup>

Popper, em prefácio à primeira edição de sua *Lógica da Pesquisa Científica* (1934), observa que um cientista empenhado em pesquisa no campo da física, por exemplo, pode atacar diretamente o problema que enfrenta em razão de existir previamente uma estrutura organizada. Desse modo, o cientista conta sempre com a existência de uma estrutura de doutrinas científicas já existentes e com uma situação-problema que é reconhecida como problema nessa estrutura.<sup>19</sup> O filósofo, todavia, se vê em posição diversa. Ele não se coloca diante de uma estrutura organizada, mas, antes,

---

<sup>17</sup> Stegmüller também faz tal comparação. Ele diz: “Via de regra, os problemas filosóficos são considerados constantes ao passo que, nas diversas ciências, a mudança e o progresso atingem não apenas as teorias mas também os próprios problemas.” Mais adiante ele diz: “As questões básicas da filosofia parecem, ao contrário, ser as mesmas que há 2.500 anos ocupavam os pensadores gregos, que foram os primeiros a criar uma nova tradição racional.” [STEGMÜLLER, 1977, p. 01]

<sup>18</sup> POPPER, 1963, p. 91.

<sup>19</sup> A descrição do trabalho científico realizada aqui por Popper se aproxima bastante do conceito de “ciência normal” proposto por Thomas Kuhn. Popper reconhece essa aproximação [LAKATOS e MUSGRAVE, 1979, p. 63-71].

como descreve Popper, confronta-se com algo que se assemelha a um amontoado de ruínas. Ou seja, não existe uma situação-problema previamente estabelecida como vemos na física.

Popper chama a atenção para outro problema recorrente na filosofia, a saber, o da autofagia.<sup>20</sup> Diante do quadro descrito acima, alguns círculos filosóficos, vislumbrando a situação aparentemente caótica da filosofia, questionam a possibilidade da Filosofia em levantar algum problema genuíno.<sup>21</sup> Popper acredita, porém que,

qualquer tentativa honesta e dedicada de resolver um problema científico ou filosófico, mesmo que não tenha bons resultados, parece-me mais importante do que um debate sobre problema como a natureza da Ciência ou da Filosofia.<sup>22</sup>

Sendo assim, ele sustenta que a Filosofia possa colocar problemas genuínos acerca das coisas, e possui a esperança de ver esses problemas discutidos, e afastados daqueles monólogos desalentadores que passam por discussão filosófica. Segundo ele, exatamente a existência de problemas filosóficos urgentes e sérios e a necessidade de discuti-los criticamente, é a única desculpa para o que se pode chamar de filosofia acadêmica ou filosofia profissional.<sup>23</sup>

Observa-se então que, para Popper, a função do cientista e a do filósofo consiste na solução de problemas, apesar de haver profundas diferenças como estes se apresentam nas respectivas áreas. Sendo assim, ao cientista e ao filósofo não cabe falar sobre o que eles e seus colegas estão fazendo ou deveriam fazer, mas resolver problemas relevantes.

Se para Popper a tarefa do filósofo é resolver problemas, para Wittgenstein, todos os problemas genuínos seriam científicos. Assim, a tarefa do filósofo é o esclarecimento lógico das proposições científicas. Sua tarefa é apenas terapêutica, reduzindo os problemas filosóficos à mera análise de linguagem.<sup>24</sup> De acordo com

---

<sup>20</sup> BOUVERESSE, 2005, p. 14.

<sup>21</sup> Referência provável a Moritz Schlick, que afirmou: “A alegação de que, afinal de contas, o homem resolveu seus mais complexos problemas [...] é pequeno consolo para o estudioso de questões filosóficas, pois que ele não pode impedir-se de temer de que a Filosofia jamais chegue a colocar um problema genuíno.” [POPPER, 1959, p. xv]

<sup>22</sup> POPPER, 1963, p. 95.

<sup>23</sup> POPPER, 2006, p. 227.

<sup>24</sup> Popper reage a esse pensamento por toda a sua vida, inclusive, na sua *Autobiografia*, ele o considera um dos seus mais antigos problemas filosóficos. “De há muito acredito haja problemas filosóficos

Wittgenstein, a verdadeira natureza da filosofia não seria a de uma teoria, mas sim a de uma atividade.<sup>25</sup> A função da filosofia genuína seria desmascarar os absurdos filosóficos e ensinar as pessoas a falar de modo que faça sentido.<sup>26</sup>

### 3.3. O método utilizado pelo filósofo

Os analistas da linguagem consideravam-se praticantes de um método peculiar à Filosofia. Essa ideia pode ser vista em Carnap que afirmou que a tarefa da filosofia não consiste em construir teorias ou sistemas, mas em elaborar um método, o método da análise lógica ou linguística, e, com ele, examinar minuciosamente tudo o que é afirmado nos vários campos do saber.<sup>27</sup>

Este método, segundo Carnap tem duas funções: eliminar as palavras desprovidas de significado e as pseudoproposições, e esclarecer os conceitos e as proposições que têm significado, para dar um fundamento lógico às ciências experimentais e à física. Esse método é chamado de método de verificação.<sup>28</sup>

O método de verificação consiste em se traduzir numa série de proposições experimentais a proposição cujo significado se quer determinar. Quando uma proposição não é traduzível em proposições de caráter empírico, ela não é, de forma

---

genuínos que não são meros quebra-cabeças nascidos do mau emprego da linguagem.” [POPPER, 1974, p. 10]

<sup>25</sup> WITTGENSTEIN, 1994, 4.112.

<sup>26</sup> “Wittgenstein negou que houvesse problemas autênticos ou enigmas autênticos (*riddles*); e mais tarde ele passou a falar de *puzzles*, ou seja, de embaraços ou mal-entendidos causados pelo mau uso filosófico da linguagem. Quanto a isso, só posso dizer que para mim não haveria nenhuma desculpa para ser filósofo se eu não tivesse problemas filosóficos sérios e nenhuma esperança de solucioná-los: em minha opinião, tampouco haveria uma desculpa para a existência da filosofia.” [POPPER, 2006, p. 228]

<sup>27</sup> CARNAP, 2009, p. 306.

<sup>28</sup> Quanto ao método de verificação Popper diz: “Em verdade, a verificação de uma lei natural só pode ser levada a efeito se se estabelecer empiricamente cada um dos eventos singulares a que a lei poderia aplicar-se e se se verificar que cada um desses eventos se conforma efetivamente com a lei – tarefa evidentemente impossível.” (POPPER, 1959, p. 42)

alguma, uma asserção e não diz nada, a não ser uma série de palavras vazias; ela é simplesmente sem sentido.

Aplicando o princípio de verificação experimental aos diferentes tipos de linguagem em uso nos vários campos do saber, Carnap chega à conclusão, já anunciada por Wittgenstein, de que é somente a linguagem científica (a das ciências experimentais) que tem significado teórico; as linguagens metafísica, ética, religiosa, estética e literária só podem ter significado emotivo.<sup>29</sup>

Popper, contrariamente, entende que não há um método específico que possa ser utilizado pelo filósofo. Para ele “os filósofos são tão livres como quaisquer outros estudiosos no que concerne ao uso do método que lhes pareça mais adequado para a busca da verdade. Não há um método peculiar à Filosofia.”<sup>30</sup> Mesmo assim, Popper propõe um método:

Contudo, estou pronto a admitir a existência de um método que possa ser chamado de “o método da Filosofia”. Não é ele, porém, característico da Filosofia; é antes, o método de toda *discussão racional* e, conseqüentemente, tanto das Ciências Naturais como da Filosofia. O método a que me refiro é o de enunciar claramente o problema e examinar, criticamente, as várias soluções propostas.<sup>31</sup>

Esse método consiste em sempre que se propõe uma solução para um problema deve-se tentar, tão intensamente quanto possível, pôr abaixo a solução, ao invés de defendê-la. Mas como lembra Popper, poucos observam esse preceito. Por sua vez, deve-se garantir o espaço para que outros façam as críticas que deixamos de fazer. Para que a crítica funcione corretamente deve-se enunciar o problema tão precisamente quanto seja possível, colocando a solução proposta em forma suficientemente definida, ou seja, de forma suscetível de ser criticamente analisada.

Deve-se ter cuidado para não superestimar esse método proposto por Popper para a filosofia, visto que, segundo ele, esse método é utilizado, ou pelo menos deveria ser, de forma quase que instintiva pelo homem na busca da verdade.<sup>32</sup> Portanto, Popper,

---

<sup>29</sup> CARNAP, 2009, p. 308.

<sup>30</sup> POPPER, 1959, p. xix.

<sup>31</sup> Idem, p. xix-xx.

<sup>32</sup> Idem, p. xx.



além de não assumir uma postura dogmática de imposição de um método à Filosofia, ele mitiga a força desse método a ponto de torná-lo quase um truísmo.<sup>33</sup>

#### 4- A filosofia

Após analisarmos o papel do filósofo, examinaremos o que ele produz, ou seja, a Filosofia.

##### 4.1. O que a Filosofia vem produzindo?

Popper diz que a Filosofia profissional não tem produzido grandes coisas, carecendo de uma *apologia pro vita sua*, ou seja, uma defesa de sua existência. Wittgenstein concorda com Popper quanto à improdutividade que vem apresentando a Filosofia, contudo, não tece uma defesa de sua existência, pelo contrário, aponta seu conflito de competência:

A maioria das proposições e questões que se formularam sobre temas filosóficos não é falsa, mas contrassensos. Por isso, não podemos de modo algum responder a questões dessa espécie, mas apenas estabelecer seu caráter de contrassenso. A maioria das questões e proposições dos filósofos provém de não entendermos a lógica da nossa linguagem. (São da mesma espécie que a questão de saber se o bem é mais ou menos idêntico ao belo). E não é de admirar que os problemas mais profundos não sejam propriamente problemas.<sup>34</sup>

Wittgenstein fundamenta sua doutrina dos sentidos do discurso na classificação russelliana das expressões da linguagem em (1) enunciados verdadeiros; (2) enunciados falsos; (3) expressões sem sentido. Essa classificação está estreitamente relacionada com a sua famosa *Teoria dos Tipos*. Bertrand Russell as formulou com o fito de resolver o problema dos paradoxos lógicos que tinha descoberto. Porém, para Wittgenstein o fato de sermos capazes de representar a realidade para nós mesmos deve significar que existe algo em comum entre a realidade e nossa representação dela, isto é, sua estrutura lógica, manifesta de modo correspondente na realidade e na linguagem. Consequentemente, a possibilidade lógica impõe limites que a realidade não pode

---

<sup>33</sup> OLIVA, 2012, p. 213.

<sup>34</sup> WITTGENSTEIN, 1994, 4. 003.

transgredir; e exatamente da mesma forma, a coerência lógica impõe limites que a elocução significativa não pode transgredir. Nem todas as combinações de fatos são possíveis e o que espelha isso na linguagem é o fato de nem todas as combinações de palavras serem significativas. Por outro lado, nem tudo que é possível é o caso, e isso transparece no fato de nem todas as elocuições significativas serem verdadeiras. Esses fatos geram uma classificação tríplex das proposições empíricas ou supostamente empíricas:

1. Enunciados aos quais a realidade corresponde – são os verdadeiros;
2. Enunciados aos quais a realidade poderia corresponder, mas por acaso isso não ocorre – são providos de significado mas não são verdadeiros;
3. Enunciados aos quais nada na realidade poderia de modo algum corresponder – são os desprovidos de significado.

Wittgenstein, movido possivelmente pela sensação de que os filósofos (em especial os filósofos hegelianos) estavam propondo algo muito semelhante aos paradoxos da lógica, usou a classificação tríplex para denunciar toda Filosofia como sendo estritamente sem significado. Popper aceita a motivação que levou Wittgenstein a propor tal doutrina, mas não concorda com a radicalidade da proposta. Ele as considera posturas tão radicais que qualificou como “ainda mais radical do que o positivismo do Comte”.<sup>35</sup> Assim, segundo Popper, Wittgenstein está justificado em propor uma teoria que vise distinguir a Ciência da Metafísica<sup>36</sup>, contudo, o critério de demarcação de Wittgenstein está equivocado quanto à classificação do discurso metafísico e filosófico como sem sentido, conforme podemos ver nas palavras de Popper a seguir:

Naturalmente, sei que há muitas pessoas que fazem declarações sem sentido; que caiba a alguém a tarefa (desagradável) de desmascarar essas pessoas é concebível, porque a falta de sentido é perigosa. Acredito, porém que, algumas pessoas já disseram coisas sem muito

---

<sup>35</sup> POPPER, 1959, p. 92.

<sup>36</sup> Evidente que, para Popper, a Ciência e a Metafísica são formas de conhecimento que possuem pesos distintos. O primeiro goza de maior credibilidade do que o último em face da atitude crítica no qual é gerado. [Cf. POPPER, 1977, p. 43-45] Os cientistas dogmáticos não concordam com tal posicionamento. Richard Dawkins, por exemplo, disse em entrevista a John Horgan: “Eles [alguns intelectuais que acham que a ciência não pode, sozinha, responder às questões básicas sobre a existência] acham que a ciência é arrogante demais e que há certas perguntas que não cabe à ciência fazer, as quais têm sido tradicionalmente do interesse dos religiosos. Como se eles tivessem respostas. É diferente dizer que é muito difícil saber como o universo teve início, o que provocou o Big Bang, o que é consciência. Entretanto, se a ciência tem dificuldade em explicar alguma coisa certamente ninguém vai conseguir explicá-la.” [HORGAN, 1998, p. 153]

sentido e que desrespeitavam a gramática – no entanto extremamente interessantes e excitantes, mais valiosas talvez do que certas coisas com sentido ditas por outros. Poderia exemplificar com o cálculo diferencial e o integral que, especialmente na sua forma inicial, eram sem dúvida paradoxais e absurdos pelos critérios de Wittgenstein.<sup>37</sup>

Sendo assim, para Popper, Wittgenstein pode estar “jogando fora o bebê junto com a água suja”. Apesar da existência dos muitos enunciados sem significado formulados pelos filósofos nesses mais de 2.500 anos de existência, certamente pode-se encontrar neles algo que tenha valor.

Entrar-se-á num outro tema agora: o que a filosofia deve estudar?

#### ***4.2. O que a filosofia deve estudar?***

Para Popper, a filosofia deve estudar problemas, e estes não estão limitados ou subdivididos em disciplinas. Sendo assim, a filosofia deve investigar tudo. Ele acredita que a ideia de que a Física, a Biologia e a Arqueologia existem por si mesmas, como campos de estudo ou “disciplinas” distinguíveis entre si pela matéria que investigam, é resíduo da época em que se acreditava que qualquer teoria precisava partir de uma definição do seu próprio conteúdo.<sup>38</sup>

Na verdade não é possível distinguir disciplinas em função da matéria de que tratam; elas se distinguem umas das outras em parte por razões históricas e de conveniência administrativa. De outra parte, as teorias que formulamos para solucionar nossos problemas têm a tendência de se desenvolver sob a forma de sistemas unificados.

Portanto, para Popper não há uma entidade que se possa chamar de “filosofia” ou “atividade filosófica”, com uma “natureza”, essência ou caráter determinado. Isso é uma crença originária do positivismo comteano. Estudamos problemas, não matérias: problemas que podem ultrapassar as fronteiras de qualquer matéria ou disciplina.<sup>39</sup>

Por exemplo, os problemas estudados pelos geólogos – (1) como a avaliação da possibilidade de encontrar petróleo ou urânio numa determinada região – precisam ser resolvidos com a assistência de certas teorias e técnicas classificadas ordinariamente como matemáticas, físicas e químicas. Talvez seja menos evidente que uma ciência

---

<sup>37</sup> POPPER, 1963, p. 93.

<sup>38</sup> POPPER, 1963, p. 95.

<sup>39</sup> Cf. POPPER, 1987, p. 39; tb. POPPER, 1987, p. 39, 177.

“fundamental”, como a física atômica, pode ter a necessidade de empregar uma investigação geológica – técnicas e teorias geológicas – para resolver problema relacionado com suas teorias mais abstratas: por exemplo, (2) o problema representado pelo teste de predições da estabilidade ou instabilidade relativa dos átomos com número atômico par ou ímpar.<sup>40</sup> Mas isso não quer dizer que não existam problemas que “pertencem” a algumas das disciplinas originais. Porém, para Popper, a solução deles envolve as mais diversas disciplinas.

Os dois problemas mencionados acima “pertencem” à geologia e à física, respectivamente. Cada um deles tem origem numa discussão que é característica da tradição da disciplina em causa, isto é, da discussão de alguma teoria, ou de testes empíricos relacionados com essa teoria. Ressalta-se também que as teorias, ao contrário dos assuntos, podem constituir uma disciplina (que poderíamos descrever como uma constelação de teorias, um tanto “soltas”, que sofrem constantes desafios, alterações e crescimento). Mas isso não afeta o argumento no sentido de que a classificação das disciplinas tem relativamente pouca importância; que estudamos problemas, não disciplinas.<sup>41</sup>

Mas, existirão problemas filosóficos? Nessa parte, Popper entra em confronto direto com a doutrina de Wittgenstein.<sup>42</sup>

*a) a doutrina de Wittgenstein*

Para Wittgenstein, o verdadeiro método da filosofia seria propriamente não dizer nada, a não ser o que pode ser dito, isto é, as proposições científicas. Sendo assim, este responde negativamente a pergunta acima dizendo que todos os problemas genuínos são científicos. Os alegados problemas filosóficos não passariam de pseudoproblemas e as alegadas teorias ou proposições filosóficas seriam pseudoteorias e pseudoproposições. Contudo, estas não seriam falsas, mas simples combinações de palavras sem sentido, não mais significativas do que o balbúcio inconsequente de uma criança que não aprendeu ainda a falar. Para Wittgenstein a filosofia é “balbúcio de criança”.<sup>43</sup>

Em consequência, não poderia haver problemas filosóficos genuínos. Todos os supostos “problemas filosóficos” poderiam ser classificados em quatro categorias:

<sup>40</sup> POPPER, 1963, p. 96.

<sup>41</sup> Idem, *ibid.*

<sup>42</sup> Popper acredita que a posição atual da filosofia inglesa tem sua origem na doutrina de Wittgenstein.

<sup>43</sup> Esse foi o tema do tão famoso debate entre Popper e Wittgenstein em 1946 em Cambridge. Ver POPPER, 1977, p. 130-133. Também EDMONDS, 2003, p. 255-306.

1. os puramente lógicos ou matemáticos, que deveriam ser solucionados por meio de proposições lógicas ou matemáticas;
2. os factuais, a serem respondidos com alguma afirmativa de ciência empírica;
3. os que combinam 1 e 2;
4. pseudoproblemas sem sentido.

A tarefa da filosofia para Wittgenstein não consiste em construir teorias ou sistemas, mas em elaborar um método, o método da análise lógica ou linguística, e, com ele, joeirar tudo o que é afirmado nos vários campos do saber. Este método tem duas funções: eliminar as palavras desprovidas de significado e as pseudoproposições, e esclarecer os conceitos e as proposições que têm significado, para dar um fundamento lógico às ciências experimentais e à física.

*b) a crítica de Popper*

Popper acredita que existem problemas filosóficos que merecem ser investigados. Para ele, “os filósofos devem filosofar”.<sup>44</sup> Existem problemas genuinamente filosóficos, “na verdade”, afirma Popper, “a existência de problemas filosóficos sérios e urgentes e a necessidade de discuti-los criticamente é, a meu ver, a única apologia para aquilo que chamamos de filosofia acadêmica ou profissional.”<sup>45</sup> Continua ele: “Eu posso dizer que, se não tivesse problemas filosóficos sérios e não tivesse esperança de resolvê-los, eu não teria razão de ser um filósofo.”<sup>46</sup> Declara também que “... só continuarei a me interessar pela filosofia enquanto tiver problemas filosóficos genuínos para resolver. Não compreendo a atração que pode ter uma filosofia sem problemas.”<sup>47</sup>

E quais seriam esses problemas filosóficos genuínos? Popper concorda com Wittgenstein que não existem problemas filosóficos “puros”, na verdade, ele sustenta que “quanto mais puro um problema filosófico mais se perde sua significação original, maior risco de que sua discussão degenera num verbalismo vazio.”<sup>48</sup> A solução de problemas pode ultrapassar as fronteiras de muitas ciências. Portanto, um problema pode ser chamado de “filosófico”, apropriadamente, se verificarmos que embora tenha surgido, por exemplo, no campo da teoria atômica, se relaciona mais estreitamente com

---

<sup>44</sup> Idem, p. 97.

<sup>45</sup> POPPER, 1984, p. 90.

<sup>46</sup> Idem, *ibid.*

<sup>47</sup> POPPER, 1963, p. 99.

<sup>48</sup> Idem, p. 102.

as teorias e os problemas discutidos pelos filósofos do que com as teorias que interessam atualmente os físicos.

### 4.3. A relação entre Ciência e Filosofia

Para Popper não existe uma linha muito nítida separando aquilo que seria o conteúdo a ser investigado pela Ciência daquele que deveria ser investigado pela Filosofia. Inclusive, para ele, a Filosofia nunca terá que ser, e na verdade, nunca poderá ser divorciada das ciências. Pode-se sustentar que a relação entre Ciência e Filosofia é vista de forma simetricamente oposta por Popper e, por exemplo, pelos membros do Círculo de Viena. Enquanto Popper defende uma relação íntima entre suas esferas de competências, o Círculo as distingue. Para defender suas posições, ambos, remetem às origens da Filosofia e da Ciência.

Popper aponta que

Historicamente, toda a Ciência ocidental é um produto da especulação filosófica grega sobre os cosmos, a ordem do mundo. Os ancestrais comuns de todos os filósofos são Homero, Hesíodo e os pré-socráticos. O fundamental para eles é a questão sobre a estrutura do universo, e o nosso lugar neste universo (um problema que, a meu ver, permanece decisivo para toda a Filosofia).<sup>49</sup>

Portanto, segundo Popper, a ligação entre a Filosofia e a Ciência se deu, e se dá ainda hoje, por meio da cosmologia, área de interesse comum destas disciplinas.

Schlick, entretanto, sustenta que:

Nos seus primórdios, como talvez vocês saibam, a Filosofia foi considerada simplesmente como um outro nome para “busca da verdade” – ela era idêntica à Ciência. Os homens que buscavam a verdade para seu próprio bem eram chamados de filósofos, e não havia distinção entre os homens de ciência e os filósofos. Uma pequena mudança nessa situação foi efetuada por Sócrates. Sócrates, poder-se-ia dizer, desdenhou da Ciência. Ele não acreditava em todas as especulações da Astronomia e da estrutura do universo com os quais os primeiros filósofos eram condescendentes. Ele acreditava que ninguém poderia obter qualquer conhecimento certo sobre essas questões e restringia suas investigações à natureza do caráter humano. Ele não era um homem de ciência, ele não tinha confiança nela, e, apesar disso,

---

<sup>49</sup> POPPER, 1984, p. 98.

todos nós reconhecemos nele um dos maiores filósofos que já existiram.<sup>50</sup>

Schlick, portanto, separa radicalmente a Ciência da Filosofia. Elas teriam objetivos diversos. Segundo ele, a Ciência busca a verdade enquanto a Filosofia busca o significado. Quanto ao fato da Ciência buscar a verdade, Popper concorda plenamente com Schlick. Entretanto, a descrição dele da tarefa da Filosofia como busca pelo significado, na visão de Popper, é totalmente equivocada.

Para Schlick, a filosofia de Sócrates consiste do que podemos chamar de a busca pelo significado. Sócrates tentava esclarecer o pensamento, ao analisar o significado de nossas expressões e o sentido real de nossas proposições.<sup>51</sup> Podemos identificar então um contraste entre o método filosófico, que tem como seu objeto a descoberta do significado, e o método científico, que tem como objeto a descoberta da verdade.<sup>52</sup> E para Schlick, Sócrates deve ser tomado como paradigma de definição de filosofia.<sup>53</sup>

Popper sustenta categoricamente que não vê a Filosofia como uma tentativa de análise ou de explicação de conceitos, palavras ou linguagens. Segundo ele,

conceitos ou palavras são meros instrumentos para a formulação de enunciados, conjecturas ou teorias. Conceitos e palavras como tais não podem ser verdadeiros ou falsos. Servem apenas à linguagem humana descritiva e argumentativa. Nosso objetivo não deve ser analisar *significados*, mas buscar *verdades significativas* e interessantes; isto é, *teorias verdadeiras*.<sup>54</sup>

Sendo assim, Popper concorda com Schlick em ter sido a Filosofia, até hoje, uma atividade de busca de significado, todavia, ele não acredita que isso deva ser assim.

[...] a Filosofia, que durante vinte séculos se incomodou com a significação de seus termos, é não só de um verbalismo caudaloso como também espantosamente vaga e ambígua, ao passo que uma Ciência como a Física, que muito pouco se importa com termos e sua significação, interessando-se mais pelos fatos, alcançou grande precisão.<sup>55</sup>

---

<sup>50</sup> SCHLICK, 2004, p. 111s.

<sup>51</sup> Idem, p. 115. Ver também SCHLICK, 1988, p.43s.

<sup>52</sup> Schlick acredita que a ciência deve ser definida como “a busca pela verdade” e a filosofia como “a busca pelo significado”. [Cf. SCHLICK, 2004, p.115]

<sup>53</sup> “Sócrates estabeleceu o exemplo do verdadeiro método filosófico para todos os tempos.” [SCHLICK, 2004, p. 115]

<sup>54</sup> POPPER, 2006 b, p. 229.

<sup>55</sup> POPPER, 1998, p. 25.

Percebe-se que, assim como Kant, Popper deseja que a Filosofia se comporte semelhantemente às Ciências Empíricas, isto é, ele pretende que a Filosofia progrida como as Ciências vêm fazendo desde os seus primórdios.

Destarte, para se compreender o que Popper propõe para a Filosofia precisa-se examinar o que ele considera fundamental, com relação ao tratamento conceitual, para o progresso nas Ciências. Ele afirma:

Em Ciência, cuidamos de que as afirmativas que fazemos nunca dependam da significação de nossos termos. Mesmo onde os termos são definidos, nunca tentamos derivar qualquer informação da definição, ou basear nela qualquer argumento.<sup>56</sup>

Portanto, para Popper, a Filosofia não deve se preocupar demasiadamente com a significação de seus conceitos. Ele aponta como uma das causas dos males relacionados à significação o fato de se sobrecarregar de conteúdo os termos. Segundo ele,

estamos sempre conscientes de que nossos termos são um pouco vagos (visto como aprendemos a usá-los apenas em aplicações práticas) e alcançamos a precisão, não reduzindo-lhes a penumbra de vaguidão, mas antes conservando-os bem dentro dela, cuidadosamente enunciando nossas sentenças de modo tal que as possíveis sombras de significação não tenham importância.<sup>57</sup>

Para Popper essa preocupação com a significação repousa antes na suposição de que muito depende da significação de nossas palavras e de que operamos com essa significação. Isso leva ao verbalismo e ao escolasticismo.

Diante disso, novamente ele se confronta com a filosofia de Wittgenstein que sustenta que enquanto a Ciência investiga matérias de fato, a Filosofia tem por missão esclarecer a significação dos termos, expurgando assim nossa linguagem e eliminando os quebra-cabeças linguísticos. Ayer, seguindo Wittgenstein, chega a afirmar que em razão das proposições da filosofia não serem de caráter fatural, mas linguístico, elas não rivalizam de forma alguma com a ciência<sup>58</sup>, crença esta que está bem distante da mantida por Popper, que propõe que teorias metafísicas ou filosóficas exercem um papel importante na ciência.

---

<sup>56</sup> Idem, p. 26.

<sup>57</sup> Idem, *ibid.*

<sup>58</sup> AYER, 1991, p. 36.



#### 4.4. A relação entre Ciência e Metafísica

Popper tratou da espinhosa relação entre Metafísica e Ciência já na sua *Lógica da Pesquisa Científica*, mais especificamente na seção 85. Ele sustenta que algumas ideias metafísicas podem se tornar científicas e cita como principais exemplos dessa transformação, o atomismo, a antiga teoria corpuscular da luz e a teoria da eletricidade como fluido. Afirma ainda que, essas ideias metafísicas, mesmo em suas formas primitivas, ajudaram o homem a introduzir ordem no mundo e, em alguns casos, fizeram previsões bem sucedidas.

Na seção 33 da sua *Autobiografia Intelectual* Popper elabora o conceito de “programas de pesquisa metafísica”. Essa ideia foi considerada importante por Popper, que a abordou por diversas vezes ao longo de sua carreira, e também foi abordada por diversos de seus discípulos, que acabaram por examiná-la mais detidamente e desenvolvê-la além dos limites tratados por Popper.

Popper afirma que as teorias metafísicas, na medida em que são tentativas feitas no sentido de resolver problemas, são racionais, visto que podem ser submetidas ao crivo da crítica e da argumentação. Além de serem racionais, podem exercer um papel heurístico na ciência, isto é, elas auxiliam na elaboração de novas teorias, determinam modos de interpretá-las, ou até mesmo, como sugere Popper, lançam luz sobre pesquisas de caráter concreto e prático.<sup>59</sup>

Como se pode perceber, Popper limita a área de atuação das ideias metafísicas à heurística das teorias científicas. Porém, não é isso o que mostra a história da ciência. Um breve estudo de alguns casos ligados à história da ciência, por exemplo, o mecanicismo – concepção que interpreta o universo como um mecanismo de relógio – exercia um papel importante no contexto de validação das teorias científicas. Descartes afirmava que qualquer hipótese científica que ele pudesse abraçar deveria ser tal que se conformasse à sua metafísica. Boyle fez a mesma afirmação acerca de sua própria metafísica semi-cartesiana, e o mesmo fez Newton a respeito de sua própria metafísica (em seu prefácio e no Escólio Geral aos *Principia*).

---

<sup>59</sup> POPPER, 1974, p. 181.

Popper amplia o campo de atuação da Metafísica no terceiro volume de seu *Pós-Escrito à Lógica da Pesquisa Científica*, apesar de começar a sua exposição reiterando o papel das ideias metafísicas na heurística das teorias científicas. Ele reconhece que

[...] em quase todas as fases do desenvolvimento das ciências estamos sob a influência de ideias metafísicas, isto é, ideias não testáveis, ideias que não só determinam os problemas de explicação que vamos escolher, como também os tipos de respostas que vamos considerar corretos, satisfatórios ou aceitáveis e como melhoramentos ou progressos relativamente a respostas anteriores.

Popper defende também que as teorias metafísicas são criticáveis, mas ele nada fala sobre o modo de como efetivamente ocorre essa crítica. Ele defendeu por toda a sua vida acadêmica que as teorias científicas são criticáveis em razão de se submeterem ao controle empírico. Sustentava que o controle empírico é um instrumento de decidibilidade entre teorias rivais. Porém, o mesmo ele não defende para as teorias metafísicas. Ele chegou a afirmar em sua *Lógica da Pesquisa Científica* que “as classes de falseadores potenciais de todos enunciados tautológicos e metafísicos são vazios.”<sup>60</sup> Então se a testabilidade, isto é, o controle empírico, não pode ser arrogado como critério de seleção entre teorias metafísicas rivais, então no que consiste sua racionalidade, ou como se dá esse processo de crítica das teorias metafísicas?<sup>61</sup>

Popper formulou um critério de decidibilidade pragmático. Ele propôs que:

toda teoria racional, seja científica ou filosófica, é racional na medida em que procura *resolver determinados problemas*. Uma teoria só será compreensível e razoável em relação a uma certa situação-problema; só poderá ser discutida racionalmente discutindo-se essa relação.<sup>62</sup>

Segundo Popper, se considerarmos uma teoria como solução proposta para certo conjunto de problemas, ela se prestará imediatamente à discussão crítica, mesmo que seja não-empírica e irrefutável.<sup>63</sup> Essa afirmação é um tanto vaga, e, Popper reconhecia

---

<sup>60</sup> POPPER, 1959, p. 125.

<sup>61</sup> POPPER, 1963, p. 223.

<sup>62</sup> Idem, p. 225.

<sup>63</sup> Uma das grandes qualidades da epistemologia de Popper é que ela reconhece que existem empreendimentos intelectualmente respeitáveis que não são científicos. Como aponta O’Hear,

isso. Tentou esclarecê-la atribuindo à fertilidade o principal fator responsável pela decidibilidade entre teorias metafísicas rivais. Essa fertilidade consistia em apontar como as respectivas teorias metafísicas poderiam guiar o desenvolvimento de novas teorias físicas. Contudo, como chamou a atenção Michael Redhead, o conceito de fertilidade torna o critério elaborado por Popper demasiadamente subjetivo.<sup>64</sup>

Agassi, importante discípulo de Popper, também formulou um critério de decidibilidade entre teorias metafísicas, só que indireto e dependente da ciência. Segundo ele,

Duas concepções metafísicas diferentes oferecem duas interpretações diferentes de um corpo de fatos conhecidos. Cada uma dessas interpretações se desenvolve em uma teoria científica, e uma das teorias científicas é derrubada num experimento crucial. A metafísica por trás da teoria científica derrotada perde seu poder interpretativo e é então abandonada. É assim que alguns problemas científicos são relevantes para a metafísica; e em geral é a classe de problemas científicos que exibe essa relevância que é escolhida para estudo.<sup>65</sup>

O problema neste critério é tornar a metafísica parasitária da ciência. E não é isso o que ocorre, como mostra acertadamente Redhead, “a física e a metafísica se mesclam em um todo inconsútil, em que uma enriquece a outra; e que, na verdade, nenhuma delas é capaz de progredir sem a outra.”<sup>66</sup> A relação entre a ciência e a metafísica é simbiótica e não parasitária como sustentou Agassi.

Laudan, por sua vez, reconhece que sistemas metafísicos também buscam resolver problemas empíricos. Cita como exemplo, o problema da identidade dos objetos físicos que consiste em explicar a aparente persistência dos objetos no tempo. Esse problema assumiu grande importância na ontologia da mecânica quântica, devido ao caráter efêmero de algumas partículas.<sup>67</sup> Porém, ao formular um critério de escolha entre sistemas metafísicos, Laudan defende uma avaliação conforme a progressividade

---

Embora não sejam suscetíveis de refutação empírica, possuem tradições bem estabelecidas de crítica como fundamento de sua racionalidade. [O’HEAR, 1997, p. 09]

<sup>64</sup> REDHEAD, 1997, p. 31.

<sup>65</sup> AGASSI, 1975, p. 210.

<sup>66</sup> REDHEAD, 1997, p. 90.

<sup>67</sup> KRAUSE, 2008, p. 63.

desses sistemas. Assim, deparamo-nos novamente com a subjetividade já vista na proposta popperiana.

Diante do exposto, não se tem ainda um critério de avaliação dos diferentes sistemas metafísicos. Essa carência tem levado muitos cientistas e filósofos a abraçar o relativismo ontológico proposto por Quine<sup>68</sup>, o qual se limita a não atrapalhar o desenvolvimento da ciência e não esclarece qualquer problema conceitual ou fornece *insights* para desenvolvimentos teóricos.

## **5- O racionalismo crítico e as suas relações com as tradições continental e analítica**

### **5.1. O racionalismo crítico e a tradição continental**

Karl Popper jamais expressou qualquer simpatia pela tradição continental de filosofia. Seguindo na esteira da crítica realizada pelos positivistas lógicos, Popper aponta que as filosofias surgidas na tradição continental defendem um espécie de “irracionalismo filosófico”<sup>69</sup>. Popper fez ataques contundentes ao hegelianismo, ao marxismo e à teoria crítica da Escola de Frankfurt. Segundo ele estas filosofias eram dogmáticas e, por isso, estéreis.

[...] todas as filosofias que se tornaram moda (tanto quanto sei) ofereceram aos seus discípulos uma espécie de método para a produção de resultados filosóficos. Era esse o caso do essencialismo hegeliano, que ensinava, natureza, ou ideia de tudo e mais alguma coisa – a alma, o Universo, a Universidade. Era igualmente o caso da fenomenologia de Husserl, do existencialismo, e também da análise da linguagem.<sup>70</sup>

No que concerne especificamente à filosofia existencialista, Popper considera estes filósofos como “arautos de uma nova teologia sem Deus”<sup>71</sup>.

Existe, segundo creio, um elementos neurótico, e até histérico, nesta ênfase exagerada na solidão essencial do homem num mundo sem Deus e na tensão daí decorrente entre o eu e o mundo. Não tenho

---

<sup>68</sup> QUINE, 1968, p. 185-212.

<sup>69</sup> POPPER, 1987, p. 265.

<sup>70</sup> POPPER, *idem*, p. 105.

<sup>71</sup> POPPER, *idem*, p. 483.

grandes dúvidas de que esta histeria está intimamente relacionada com o romantismo utopista e com a ética do culto dos heróis – uma ética que só consegue compreender a vida em termos de ‘domina ou prosterna-te’. E não duvido de que seja esta histeria o segredo do seu forte poder de atração.<sup>72</sup>

A única filosofia pertencente à tradição continental pela qual Popper nutria respeito intelectual era o kantismo. Pode-se afirmar que Popper tenha sido um kantiano na juventude.<sup>73</sup>

Não se tem conhecimento de qualquer tentativa efetuada por historiadores competentes da filosofia contemporânea de se vincular a filosofia elaborada por Karl Popper à tradição continental. O mesmo, porém, não se podemos afirmar com relação à tradição analítica.

## 5.2. O racionalismo crítico e a tradição analítica

A relação de Popper com a tradição analítica é bem mais complexa e sujeita à diversidade de opiniões. Glock, por exemplo, classifica Popper como um filósofo analítico, o qualificando, porém como um “caso limite”.<sup>74</sup> Mas o que define um filósofo analítico?

Dummett define a filosofia analítica como baseada na concepção de que uma análise do pensamento pode e deve ser dada por uma análise da linguagem.

O que distingue a filosofia analítica, em suas manifestações diversas, de outras escolas, é a crença, primeiramente, de que uma abordagem filosófica do pensamento pode ser obtida por meio de uma abordagem filosófica da linguagem e, em segundo lugar, que uma abordagem abrangente só pode ser obtida assim [...]. A filosofia analítica nasceu quando a “virada linguística” foi realizada.<sup>75</sup>

Popper rejeita enfaticamente aquilo que ficou conhecido como “o dogma da filosofia analítica” expressado por Dummett na citação acima. Popper considerou o problema do significado um pseudoproblema<sup>76</sup>. No Prefácio à edição inglesa da *Logik der Forschung* Popper já havia deixado claro o seu distanciamento em relação à

---

<sup>72</sup> Idem, *ibid.*

<sup>73</sup> MACOHEN, 2002, p. 121.

<sup>74</sup> GLOCK, 2011, p. 26.

<sup>75</sup> DUMMETT, 1994, p. 4-5.

<sup>76</sup> POPPER, 1989, p. 192.

filosofia analítica. Ele se refere a ela como “análise lógica” ou “linguística”. Isto é, ele inclui o construcionismo lógico e a análise conceitual, e a partir daí, as duas correntes da filosofia analítica à época.

Claro está que Popper não se vê como pertencendo a nenhuma das duas grandes tradições nas quais se dividiu à cena filosófica contemporânea. Examinando as histórias da filosofia que tem sido publicadas e recebido alguma atenção dos especialistas encontra-se um Popper sendo lembrado como um mero filósofo da ciência, por vezes, já bastante superado. Popper já mostrava no último terço de sua vida certo pessimismo com relação a como o seu legado seria lembrado visto ele próprio se enxergar como um “estranho no ninho” no mundo da moda filosófica.

E talvez mesmo para lá disso, no caso de a história da filosofia continuar a dar notícia de nós, nos últimos restos do iluminismo – o que parece ser uma possibilidade remota, face à exigência já esmagadora e ainda em aumento de um messianismo filosófico irracional e antirracional *a la* Heidegger, por um lado, e de um método filosófico “matematicamente exato”, por outro.<sup>77</sup>

## 6- Conclusão

Para Popper não há o que possa ser chamado essência da Filosofia, a ser retirada e condensada numa definição. Por mais que leiamos bibliotecas inteiras de livros filosóficos, jamais saberemos precisar uma resposta unívoca, única e satisfatória para a questão de sua natureza. Portanto, uma definição da palavra “filosofia” só pode ter o caráter de convenção, de acordo. Entretanto, elaborar uma definição ortodoxa de Filosofia não foi o objetivo desse artigo.

Esse trabalho não seria interessante caso não pretendesse oferecer um caminho viável pelo qual os filósofos pudessem andar, frente a esse período de mal-estar pelo qual a filosofia vem passando.

Sendo assim, em primeiro lugar, concorda-se com Popper que, ao abandonar o diálogo com a Ciência, a Filosofia caiu bastante no irreal. Isso já foi suficientemente exposto aqui. Vimos que muitas questões filosóficas são de segunda-ordem e não de

---

<sup>77</sup> POPPER, 1989, p. 193.

primeira-ordem.<sup>78</sup> Porém, isso não quer dizer, como acreditavam os neopositivistas que a filosofia é uma atividade de elucidação conceitual. A principal atividade filosófica é a resolução de problemas. Os problemas mais interessantes, em minha opinião, tem origem na ciência, ou estão estreitamente ligadas a ela, como metafísicas de sistemas teóricos.<sup>79</sup>

O fato de se afirmar que os problemas filosóficos mais interessantes são aqueles mais estreitamente ligados à ciência não leva a sustentar que a filosofia se comporte como um parasita da ciência. Não merecemos a censura de sermos positivistas. A relação entre ciência e filosofia é simbiótica.<sup>80</sup> Com isso quer-se afirmar que a filosofia é uma investigação devotada a explicar e submeter à análise racional os procedimentos envolvidos e os resultados alcançados, nas investigações científicas.

Alguns físicos dizem que a filosofia nada tem a contribuir com a ciência. Steven Weinberg, por exemplo, afirmou que os filósofos não forneceram, de modo direto ou indireto, nenhum conhecimento científico; por isso, a Filosofia deve ser eliminada como exercício inútil e, até mesmo, nocivo ao pensamento. Nada mais equivocado do que essa afirmação, pois como foi apontado por Albert Einstein, no seu artigo *Física e Realidade*, os físicos em períodos de crise se voltam às questões de natureza filosófica.

Não obstante, a filosofia não seguiu esse caminho. Muitos filósofos aceitaram as críticas oferecidas pelos cientistas e se entrincheiraram academicamente. Os filósofos limitaram seu papel ao de comentar e interpretar os textos canônicos desmembrando a filosofia entre um academicismo escolástico sem alma e a irrelevância desconstrucionista da moda tentando apenas resgatar as ambivalências, as contradições e os impasses que se encontram na fonte de todo trabalho de reflexão.<sup>81</sup>

Pode-se constatar facilmente que nas tradições continental e analítica há muita hermenêutica e pouca filosofia, muitos intérpretes e poucos filósofos. O hermeneuta predomina sobre o filósofo.<sup>82</sup> Essa preocupação com as minúcias do texto leva ao tecnicismo, como demonstrou Popper. Com isso não se quer defender que a

---

<sup>78</sup> Os problemas de primeira-ordem são as questões substantivas acerca dos objetos que constituem o domínio de determinada ciência, enquanto os problemas de segunda-ordem derivam do trabalho realizado na tentativa de solucionar os problemas de primeira-ordem.

<sup>79</sup> BUNGE, 2000, p. 09.

<sup>80</sup> RYAN, 1977, p. 23.

<sup>81</sup> POPPER, , p. 436.

<sup>82</sup> DOMINGUES, 1999, p. 228.

hermenêutica e a história da filosofia não sejam importantes, mas que devam ser examinadas sempre com os problemas que buscaram resolver, geralmente extra-filosóficos. Essa esclerose da Filosofia pode ser vista facilmente nas academias. A preocupação é muito mais de formar “filólogos” do que mais exatamente filósofos. A Filosofia passou a ser mera atividade de tradução e compreensão de textos. Deve-se fazer clara distinção entre historiador e filósofo. Segundo Schlick, o filósofo quando estuda a história da filosofia questiona-se quanto à verdade que há nesses sistemas filosóficos e não ficará preocupado, como o historiador, em recuperar o sentido literal daquilo que pretendeu expressar o autor original.<sup>83</sup>

As filosofias da moda não problematizam os grandes sistemas filosóficos. Esses filósofos somente apresentam estes sistemas descritivamente<sup>84</sup>, não refletindo filosoficamente sobre aqueles problemas que pretensamente foram tratados por aquelas filosofias. Acabam numa atividade de memorização das grandes linhas dos vários sistemas filosóficos.

Popper mostrou que a Filosofia não pode se fechar nos estreitos limites da disciplina ou do mero ensino acadêmico. Tampouco se conformar com a releitura e a exegese dos autores clássicos: se tivermos lido todos os argumentos de Platão e Aristóteles, teremos apenas aprendido história, não feito filosofia.

A concepção de filosofia que foi apresentada aqui, inspirada em Popper, certamente é uma possibilidade de filosofia para o terceiro milênio. É uma “via alternativa” a essas filosofias tão em moda hoje. A concepção de filosofia proposta é do tipo generalista, isto é, ela perpassa transversalmente por diversas disciplinas, contribuindo com uma perspectiva totalmente nova do que consista o conhecimento. Essa perspectiva abre o caminho para que a Filosofia passe a desempenhar um papel significativo na reglobalização dos saberes fragmentados, na medida em que permite a utilização de seus recursos para se construir uma representação mais integrada do conhecimento.

---

<sup>83</sup> SCHLICK, 2004, p. 108.

<sup>84</sup> Esse é o tipo de metodologia exegética propostas principalmente por Martial Gueroult e Victor Goldschmidt.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AGASSI, J. The nature of scientific problems and their roots in metaphysics. IN: Science in Flux, Dordrecht: D. Reidel, 1975.
- AYER, A. J. Linguagem, Verdade e *Lógica*. Trad. Anabela Mirante. Lisboa: Presença, 1991.
- BOUVERESSE, J. *O futuro da filosofia: o filósofo entre os autófogos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.
- BUNGE, Mario. *Física e Filosofia*. Trad. Gita K. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- EDMONDS, David. *O atizador de Wittgenstein: a história de dez minutos entre dois grandes filósofos*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- GLOCK, Hans-Johann. *O que é filosofia analítica?* Trad. Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre: Penso, 2011.
- HALLER, Rudolf. *Wittgenstein e a filosofia austríaca: questões*. Trad. Noberto de Abreu. São Paulo: Edusp, 1990.
- HAHN, Hans; NEURATH, Otto; CARNAP, Rudolf (1986). A concepção científica do mundo – o círculo de viena. IN: Cadernos de História e Filosofia da Ciência, n. 10, p. 05-20.
- HORGAN, John. *O fim da ciência: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- JAPIASSU, H. *O sonho transdisciplinar: e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- KIRK, G. S. Popper on Science and the Presocratics. IN: Mind, New Series, vol 69, nº 275 (Jul., 1960), p. 318-339.
- KRAFT, Victor.
- KRAUSE, D. Física e Ontologia. IN: Discusiones Filosóficas. Año 9 (12), Enero – Junio, 2008, p. 57-74.
- LAKATOS, Imre e MUSGRAVE, Alan (orgs). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: EDUSP, 1979.

- LAUDAN, L. *O progresso e seus problemas*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Unesp, 2011.
- O'HEAR, Anthony. *Karl Popper: filosofia e problemas*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Unesp, 1997.
- OLIVA, A. "A incomensurabilidade entre as filosofias e a inexistência de revoluções em filosofia". IN: *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 35, n. 2 (mai-ago/2012), p. 199-238.
- PELUSO, Luis Alberto. *A Filosofia de Karl Popper*. Campinas: Papyrus/PUCCAMP, 1995.
- MAGEE, Bryan. *Confissões de um filósofo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *As ideias de Popper*. São Paulo: Cultrix, 4ª edição, 1983.
- PEARS, David. *As ideias de Wittgenstein*. São Paulo: Cultrix, 2ª edição, 1988.
- POPPER, Karl R. *The Philosophy of Karl Popper*. La Salle, Illinois: *The Library of Living Philosophers* (ed. P. A. Schilpp), 1974.
- \_\_\_\_\_. *Conjecturas e Refutações: o desenvolvimento do conhecimento científico*. Trad. Benedita Bettencourt. Coimbra: Almedina, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Conhecimento Objetivo: uma abordagem evolucionária*. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.
- \_\_\_\_\_. *The Logic of Scientific Discovery*. London: Routledge, 1959.
- \_\_\_\_\_. *A sociedade aberta e seus inimigos*. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O realismo e o objectivo da ciência*. Trad. Nuno Ferreira da Fonseca. Lisboa: Dom Quixote: 1987.
- \_\_\_\_\_. *A teoria dos quanta e o cisma na física*. Trad. Nuno Ferreira da Fonseca. Lisboa: Dom Quixote: 1987.
- QUINE, W. V. (1968) "Ontological Relativity". IN: *Journal of Philosophy* 65(7), p. 185-212.
- REDHEAD, M. *Da Física à Metafísica*. trad. Valter Alnis Bezerra. Campinas: Papyrus, 1997.
- RYAN, A. *Filosofia das ciências sociais*. Trad. Alberto Oliva. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- SCHLICK, Moritz (2004). O futuro da filosofia. IN: *Revista Abstracta*, n. 01, p. 108-122.

\_\_\_\_\_. Positivismo e Realismo. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 39-64.

STEGMÜLLER, Wolfgang. Os problemas da filosofia atual, in: *A filosofia contemporânea: introdução crítica*. São Paulo: EPU/USP, 1977, p. 01-22. 2v

WEINBERG, Steven. *Sonhos de uma teoria final: a busca das leis fundamentais da natureza*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*, trad. Luis Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: EDUSP, 2ª edição, 1994.